

**A FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DOCENTES DE GEOGRAFIA:
DISCUSSÕES A PARTIR DAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS E
NO CURSO DE GEOGRAFIA DA UEG/CAMPUS ITAPURANGA**

*THE TRAINING OF TEACHING PROFESSIONALS OF GEOGRAPHY:
DISCUSSIONS FROM THE NATIONAL CURRICULAR GUIDELINES AND THE
GEOGRAPHY COURSE OF UEG / CAMPUS ITAPURANGA*

Lorena Francisco de Souza¹

Gabriel Henrique Moreira Dorneli²

Resumo

O presente artigo procura discutir a formação dos profissionais docentes de geografia, trazendo algumas considerações sobre a importância das Diretrizes Curriculares Nacionais na construção dos projetos de formação de professores e percepções dos egressos do curso de Geografia da UEG/campus Itapuranga. Para a realização deste, analisamos as Diretrizes Curriculares Nacionais que orientam e regulamentam os cursos de licenciatura no Brasil e, especificamente servem como referencial para a construção de um projeto de formação de professores nas mais diversas áreas do conhecimento, com ênfase na geografia. Foi feito um levantamento bibliográfico sobre a temática que discute a formação docente, a profissionalização da docência, as licenciaturas, as políticas educacionais sobre os cursos de formação de professores e a formação de professores em geografia. Pautamos também na aplicação de questionários aos sujeitos da pesquisa, os discentes da cidade de Heitoraiá, egressos do curso de geografia da Universidade Estadual/Campus Itapuranga de 2002 a 2017. Como uma das considerações a respeito do levantamento de dados e informações, observa-se que, a partir das considerações dos egressos, há uma contradição existente entre o que se encontra no PPC do curso de Geografia, e a precária formação profissional de muitos, levando-nos a uma reflexão sobre a dicotomização teoria e prática.

Palavras-chave: Formação docente; Diretrizes Curriculares Nacionais; Professores de geografia.

Abstract: The present assignment seeks to discuss concerning the training of geography teaching professionals by making some considerations about the graduates of the Geography course of UEG / campus Itapuranga. To accomplish this, we analyze the Diretrizes Curriculares Nacionais that guide and regulate undergraduate courses in Brazil and, specifically, serve as a reference for the construction of a teacher training project in the most diverse areas of knowledge, specifically in geography. The methodology used in this investigation consisted of a bibliographical lifting on the subject that discusses teacher education, professionalization of teaching, undergraduate degrees, educational policies on teacher training courses and teacher training in geography. We also applied the questionnaires to the subjects of the research, the

¹ Doutora em Geografia (USP), professora do curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás/Campus Itapuranga

² Graduado em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás/Campus Itapuranga

students from Heitoraí, graduated from the geography course of the Universidade Estadual de Goiás/ Campus Itapuranga from 2002 to 2017. As one of the considerations regarding the data collection, it is observed that, from the considerations of the there is an existing contradiction between what is found in the PPC of the Geography course, and the precarious professional training of many, leading us to a reflection on the dichotomy theory and practice.

Keywords: Teacher training. DCNs. Training of geography teachers.

Introdução

A partir do pressuposto sobre o possível impacto das DCN's (Diretrizes Curriculares Nacionais) na formação docente, buscamos compreender o perfil dos egressos do curso de Geografia da UEG/Campus Itapuranga, assim como perceber como ocorre a formação neste devido curso. Um ponto importante a ser apresentado, está relacionado à construção da identidade docente e o projeto de formação docente da instituição, a partir do Projeto Político de Curso (PPC). O trabalho conta com pesquisa bibliográfica e estudo de caso, por meio de questionários para a obtenção de dados referentes aos egressos. A pesquisa bibliográfica conta com diversos autores, como: Cavalcanti (1998, 2002), Kaercher (2000), Castellar (2010), Freire (1996), Libâneo (2002), Tardif (2001, 2010), entre outros, que discutem de forma abrangente o tema proposto para pesquisa.

Procuramos trazer uma discussão sobre a formação inicial e a identidade docente, apresentando a importância e a regulamentação do PPC do curso de Geografia na UEG/Itapuranga, para refletir sobre a relação entre a teoria e a prática desenvolvida. Buscou-se também analisar as Diretrizes Curriculares Nacionais e o projeto de formação de professores do curso de Geografia da UEG/Itapuranga. Nesse sentido, consideramos relevantes as percepções de alguns egressos do curso sobre a docência e a perspectiva profissional ao finalizarem o curso.

A pesquisa foi desenvolvida com referência no estudo de caso conforme a abordagem qualitativa de Lüdke e André (1986). Para as autoras esse tipo de pesquisa refere-se ao estudo de um caso bem delimitado, que se constitui como uma unidade dentro de um sistema mais amplo. Dentre suas características destacam-se: o uso de várias fontes de informação e a possibilidade de generalizações naturalísticas, quando o leitor associa os dados da pesquisa com a sua experiência, dessa maneira formulando conclusões próprias.

O caso em questão faz o estudo dos impactos das DCNs no curso de Geografia do curso de Geografia da UEG/Itapuranga, tendo como base o projeto de curso e os sujeitos (docentes e discentes) envolvidos nesse projeto ao longo do período de 2002 a 2017. A realização desta pesquisa contou com o uso dos seguintes instrumentos: análise de documento e aplicação de questionário aos egressos.

A formação inicial de professores e a identidade docente

O debate sobre a formação profissional de professores tem sido pautado na produção referente às políticas educacionais, e as regulamentações dos cursos de licenciatura. Tais elementos incidem, consideravelmente, sobre um projeto de formação de um profissional docente em uma universidade.

Cavalcanti (2012) discute sobre os princípios e propostas para uma atuação docente crítica, a autora fala sobre a divulgação e circulação de informações que tem se tornado cada vez mais amplificada e diversificada. Diante esse aspecto, Libâneo (2002) se questiona se poderá chegar um tempo, em que os professores não serão mais necessários, assim perderiam o lugar para as tecnologias, destaca também que “[...] existe lugar para a escola na sociedade tecnológica e da informação, porque ela tem um papel que nenhuma outra instância cumpre.” (2002, p. 25-26).

Para orientar o planejamento, de acordo as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), ressaltando que elas buscam preservar a autonomia da escola e do fazer pedagógico, buscando levar a escola a elaborar seu currículo, recortando, dentro das áreas de conhecimento, os conteúdos que lhe convêm para a formação daquelas competências explícitas nas DCNs.

Dourado destaca que,

Na busca de maior organicidade das políticas, as novas DCNs enfatizam que estes processos implicam o repensar e o avançar nos marcos referenciais atuais para a formação inicial e continuada por meio de ações mais orgânicas entre as políticas e gestão para a educação básica e a educação superior, incluindo a pós-graduação e, nesse contexto, para as políticas direcionadas à valorização dos profissionais da educação. (2015, p. 306)

Dourado (2015) ainda continua expondo sobre a formação de professores e expõe alguns pontos que a formação inicial, e continuada deve contemplar. Resultando em uma sólida formação teórica e interdisciplinar; atividades de socialização, questões socioambientais, estéticas e relativas a diversidade étnico-racial, sexual, religiosa, sociocultural, entres outras.

Sobre a formação inicial, Castellar destaca que

a formação inicial de professores não deve ser apenas conceitual e técnica, é preciso incorporar referenciais no campo de dimensões econômicas, sociais e culturais, com uma visão de mundo que incorpore o lugar onde vivem os alunos e professores, as singularidades e os conflitos de valores. (2010, p. 40)

A formação docente é fundamental para que o professor seja capaz de realizar o seu trabalho com qualidade, como é possível observar na perspectiva de

Castellar acima, os aspectos tanto econômicos, sociais, culturais interferem na ação docente. Pois, pode prejudicar a questão da argumentação, da interpretação, da explicação de fatos que ocorrem em nossa realidade, enfim podendo faltar o senso crítico nesse professor.

O professor precisa estar qualificado para exercer o seu papel de mediador de conhecimento, e assim, ser um profissional capaz de levar seus educandos a pensar de maneira crítica sobre os acontecimentos do mundo, que ocorrem ao seu redor ou não.

Callai *apud* Menezes (2015, P. 38) afirma que “a formação do professor de Geografia modifica-se profundamente de acordo com a visão adotada pela Instituição de Ensino Superior. Segundo levantamento feito pela autora, em uma análise da formação do profissional do professor de Geografia, a formação pedagógica faz parte de todo curso de Licenciatura em Geografia, contudo nas disciplinas específicas da ciência geográfica, essa preocupação pedagógica varia muito.

O ensino de Geografia tem alcançado seu lugar, e tem se abandonado a visão tradicional em relação a essa disciplina, pois era visto apenas como complementação pedagógica, sendo que hoje auxilia o aluno a se posicionar de maneira crítica no mundo.

Castellar discute muito sobre a formação de professores, defendendo a questão que o docente não realizará um trabalho com qualidade se o mesmo não tiver uma formação com bases sólidas de teoria e metodologia, e também as culturais. Assim ela elucida

Uma formação precária prejudicaria a ação docente na escola e faltaria aos professores a capacidade para argumentar e interpretar; explicar o mundo e a realidade e as consequências que resultam dela, comprometerá o processo de ensino e aprendizagem. [...] implicará, por exemplo, na falta de compreensão do papel que o currículo possui na formação do aluno, gerando, por conseguinte, muita confusão, no campo da ciência e no da metodologia do ensino. (2010, p. 41)

É necessário que se procure dar importância para a formação dos profissionais nessa área da educação, pois ninguém improvisa em qualquer atividade que for desempenhar, a valorização do profissional assim como uma sólida formação pode tornar o fazer pedagógico não muito prazeroso e eficiente.

Mas enfim o que é e como se forma a identidade docente?

Iza *et al* (2014) discorrem que a identidade é entendida como um processo de construção social de um sujeito historicamente situado. Em se tratando da identidade profissional, esta se constrói com base na significação social da profissão, de suas tradições e também no fluxo histórico de suas contradições. Portanto, podemos afirmar que a identidade docente é uma construção social, que envolve inúmeros saberes, sendo construída por meio da formação escolar, das experiências, das formações continuada, entre outros processos e experiências significativas.

Tardif (2010) expõe que o corpo docente tem uma função social estratégica importante, e a mesma cita os saberes que são adquiridos pelos professores durante a sua formação. Ele destaca os saberes docentes, saberes da formação profissional, saberes disciplinares, saberes curriculares e os saberes experienciais. O autor discorre muito sobre a formação dos professores, um ponto interessante é o fato que os professores ocupam uma posição estratégica, no entanto, são desvalorizados.

Quadro 1 – os saberes dos professores

Saberes dos professores	Fontes sociais de aquisição	Modos de integração no trabalho docente
Saberes pessoais dos professores	A família, o ambiente de vida, a educação no sentido lato, etc.	Pela história de vida e pela socialização primária
Saberes provenientes da formação escolar anterior	A escola primária e secundária, os estudos pós – secundários não especializados, etc.	Pela formação e pela socialização pré-profissionais
Saberes provenientes da formação profissional para o magistério	Os estabelecimentos de formação de professores, os estágios, os cursos de reciclagem, etc.	Pela formação e pela socialização profissionalização nas instituições de formação de professores
Saberes provenientes dos programas e livros didáticos usados no trabalho	A utilização das “ferramentas” dos professores: programas, livros didáticos, cadernos de exercícios, fichas, etc.	Pela utilização das “ferramentas” de trabalho, a sua adaptação as tarefas
Saberes provenientes de sua própria experiência na	A prática do ofício na escola e na sala de aula, a experiência dos pares, etc.	Pela prática do trabalho e pela socialização profissional.

profissão, na sala de aula e na escola.		
---	--	--

Fonte – TARDIF (2010, p. 63)

Nesse quadro se encontra exposto, separadamente, os saberes utilizados pelos professores no desenvolvimento de sua atividade docente. Saberes estes que são todos utilizados em sua prática, por meio desse quadro é possível observar a natureza social desse saber, alguns são adquiridos por intermédio da família, outros pela formação, alguns pela prática do trabalho e assim por diante. É muito importante essa observação, pois a aquisição de conhecimento não ocorre apenas uma forma, mas de muitos meios, podemos aprender em qualquer lugar e com qualquer pessoa, existindo assim a educação sistemática e a assistemática.

Tardif elucida que

A relação que os professores mantêm com os saberes é a de “transmissores”, de “portadores” ou de “objetos” de saber, mas não de produtores de um saber ou de saberes que poderiam impor como instância de legitimação social de sua função e como espaço de verdade de sua prática. (2010, p. 40)

O autor acima deixa evidente que os professores são portadores de algum tipo de saber, no entanto eles não são produtores desse saber, isso ocorre porque o papel do professor é oferecer os caminhos para que seus educandos alcancem o conhecimento que se deseja.

Sobre a função do professor ainda temos Freire que ao falar em educação não se refere só na transmissão de conhecimento, como muitas pessoas pensam, mas também na prática para mediar o conhecimento, instigar a curiosidade, e a vontade de aprender do educando que não deve ser passiva. Desta forma, Freire, fala que

O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser. Um ruído, por exemplo, pode provocar minha curiosidade. Observo o espaço onde parece que se está verificando. Aguço o ouvido. Procuo comparar com outro ruído cuja razão de ser já conheço. Investigo melhor o espaço (1996, p. 98).

A curiosidade é um aspecto fundamental para que o educando tenha mais interesse pelos estudos. É a dúvida aliada a curiosidade que se inicia uma pesquisa, a

fim de satisfazer o próprio anseio. O professor procura satisfazer essa necessidade do aluno, sua função é direcionar e dar caminhos para que o aluno possa evoluir.

A função do professor se torna mais fácil quando consegue despertar a curiosidade dos alunos. Uma maneira simples para que isso seja observado é a própria sala de aula, se o conteúdo for algo que interesse aos alunos eles acabam por participar, citam exemplos da sua própria realidade. Desta forma contextualizando o que está sendo estudado em aula, suas experiências são formas plausíveis de chamar a atenção para o que está sendo proposto como conteúdo.

Tardif (2010) corrobora com Freire quando falam que o docente não atua sozinho, o que é fácil de se observar uma vez que o professor interage com outras pessoas começando pelos seus alunos, que muitas vezes buscam levar essas pessoas a um novo patamar do conhecimento, ele traz um quadro no qual é apresentado os saberes que o mesmo cita e que fazem parte da constituição de sua identidade.

A construção da identidade docente leva em consideração, tudo o que auxilie no seu desenvolvimento e fazer pedagógico. Falar sobre a educação é algo muito presente em diversos autores, e algo interessante é que Tardif (2010, p. 158) traz alguns autores de falam na educação como arte, e realmente é a bela arte de educar.

A Relação teoria e prática na formação inicial

Falar da relação, teoria e prática, é importante para que a função dos conteúdos estudados durante a licenciatura fique clara. Observar a relação existente não é tão simples, pois durante o período de realização do curso superior, os próprios graduandos por vezes se questionam para que serviria este estudo quando for para a sala de aula.

Freire (1988, p. 17) coloca que “toda prática contém uma teoria, ambas são indissociáveis e se constroem reciprocamente”. Freire coloca que pensar a prática é a forma mais eficaz para pensar certo.

Bernardi, Grando e Taglieber falam que

A idéia de separação entre teoria e prática é um fenômeno produzido historicamente no campo educacional. As teorias nascem de tentativas humanas de explicar fenômenos, situações complexas ou em busca de soluções ou controle para esses impasses, enfim, para compreender e explicar a realidade. (2005, p. 52)

Assim Toniazzo, corrobora expondo que

A teoria e a prática são duas faces que se complementam. Assim sendo, a Didática implica no desenvolvimento cognitivo intelectual, com progressos na afetividade, moralidade ou sociabilidade, por condições que são do desenvolvimento humano integral, pois com a Didática, como disciplina e campo de estudos, tende acelerar o progresso no sentido de uma autoconsciência de sua identidade, encontrada no seu núcleo central e de sua necessária interdisciplinaridade. (2000? p. 73)

A teoria aliada a prática, faz com que o profissional docente desenvolva seu fazer pedagógico com excelência. A didática, sendo a arte de ensinar, não passa uma receita para que os docentes recém-formados obtenham sucesso, mas a teoria estudada, encaminha o fazer pedagógico que vai sendo moldado com a prática.

Na geografia o professor tem inúmeras possibilidades para incrementar suas aulas, Kaercher (2000) fala sobre a atividade de geografizar o jornal e outros cotidianos para que, o professor junto com o aluno, seja possível ir além do livro didático. Sendo fundamental, pois se o aluno não estiver motivado, interessado no que o professor tenta lhe passar, dificilmente a aprendizagem ocorre com excelência.

Kaercher (2000, p. 138-139) expõe alguns passos metodológicos que podem direcionar as atividades de professores de qualquer disciplina, sendo eles, ouvir os alunos, sistematizar no quadro e no caderno as suas discussões, criar polêmicas e dúvidas sobre o que se diz e se ouve, sistematizar, no quadro e no caderno as novas descobertas; produzir surpresas.

Assim como outros autores, Castellar fala sobre a teoria aliada a prática na formação inicial, ela expõe que

o processo de formação inicial de professores deveria integrar as bases teóricas com a prática cotidiana e, dessa maneira, os estudantes – futuros professores – teriam uma dimensão maior do significado dos saberes específicos e das práticas sociais. Teriam a possibilidade de refletir sobre a

teoria e reelaborá-la a partir de outros referenciais, a exemplo das experiências práticas que vivenciam quando da realização dos estágios nas escolas. (2010, p. 42)

A experiência no estágio é sem dúvida fundamental para a formação do professor, é interessante observar como coloca Castellar (2010) que o professor legitima suas ações em sala de aula, e destacar também a necessidade para que o graduando possa viver essas experiências, e assim possa incorporar à sua formação. Como já foi dito anteriormente, não há uma receita que leve o profissional docente a ser um bom profissional, é por meio da vivência que ele vai construindo a sua prática.

O Projeto Político do curso de Geografia em questão

Falar sobre a formação inicial dos professores é essencial para que seja possível compreender o que é, e também qual a sua importância para a formação do profissional docente.

Leite *et al* (2008, p. 40) *apud* Cavalcanti (2012), considera que

A possibilidade de oferecer a formação de professores em cursos específicos, do primeiro ao último ano, através de projetos pedagógicos próprios, comparece como um dos principais ganhos obtidos pela reforma na formação de professores, condição relevante e essencial para concretizar a profissionalização do professor, podendo assegurar, dessa forma, a construção dos saberes docentes necessários. (2012, p. 17)

Mas essa formação dos professores vai além da inicial que ocorre durante o curso, a autora expõe que o professor é um profissional em formação constante. O educador precisa estar sempre atualizado e apto para lidar com as imprevisões de sua profissão. E, ainda tem que lidar com classes sociais diversificadas e mesmo sabendo dessa diversidade, ele deve estar capacitado para desenvolver seu trabalho em meio a muitas diferenças, orientando cidadãos capazes de conviver socialmente.

Lasky (2005) *Apud* Marcelo (2009), elucida que

a identidade profissional é a forma como os professores definem a si mesmos e aos outros. É uma construção do “si mesmo” profissional que evolui ao longo da carreira docente e que pode achar-se influenciado pela escola, pelas reformas e pelos contextos políticos, que “inclui o compromisso pessoal, a disposição para aprender a ensinar, as crenças, os valores, o conhecimento

sobre a matéria que ensinam, assim como sobre o ensino, as experiências passadas, assim como a vulnerabilidade profissional” (2009, p. 112)

Assim é possível compreender que a identidade profissional não é algo pronto e acabado, ela pode sofrer alterações de acordo com as experiências que acontecem no decorrer do processo de formação e no dia a dia de cada indivíduo, pois os professores vão formando por si mesmos ao longo de suas carreiras.

Bolivar (2006) *apud* Marcelo (2009) esclarece que a identidade profissional docente atualmente encontra-se em crise. Pereira (2011) expõe que a crise da profissão docente apresenta múltiplos fatores e que é necessárias formas de lidar com a situação.

Pereira (2011) começa a instigar o leitor a pensar através do título do texto que diz “O ovo ou a galinha: a crise da profissão docente e a aparente falta de perspectiva para a educação brasileira”, para explicar esse título o autor destaca que atualmente estamos em um dilema parecido em relação a profissão docente. Seria em função da sua baixa procura e o número supostamente insuficiente de diplomados, sendo esse o questionamento que circunda a discussão proposta pelo autor.

O autor citado acima expõe que nas décadas de 1980 e 1990 já haviam nítidos sinais de uma profunda crise do magistério no Brasil. Pereira (2011) elucida

a discussão sobre a formação de professores ampliou-se quando o contexto da escola, a falta de condições materiais do trabalho docente e a condição de assalariado do professor passaram a ser considerados temas importantes no debate. (2011, p. 3)

Juntamente com a discussão sobre o processo de formação de professores, começou a surgir também discussões sobre processos “deformadores” e “desqualificadores” desses profissionais. A profissão docente tem sido muito desvalorizada. O que é possível de se observar por meio dos cursos mais procurados, sendo que quase sempre não aparecem os cursos de licenciatura.

Pereira diz que

A dificuldade de os alunos manterem o seu sustento durante a graduação, a baixa expectativa de renda em relação à futura profissão e o declínio do status social da docência fizeram que os cursos de licenciatura, tanto em instituições públicas como privadas, convivessem com altíssimas taxas de evasão e, por via de consequência, permanecessem em constantes crises. (2011, p. 11)

Pelo que é exposto por Pereira, fica evidente que a docência para por inúmeros desafios, a profissão docente é tida por vezes de maneira inferiorizada, sendo que as pessoas se referem a docência com certa dó de quem está no curso de licenciatura, sem pensar e levar em consideração que os professores são a base para a formação de todas as outras profissões.

Para finalizar Pereira afirma

que não podemos nos esquecer do princípio da indissociabilidade entre a formação e as condições adequadas para a realização do trabalho docente: salários dignos, autonomia profissional, dedicação exclusiva a uma única escola, pelo menos um terço da jornada de trabalho para planejamento, reflexão e sistematização da prática, estudos individuais e coletivos, salas de aula com um número reduzido de alunos. (2011, p. 15)

Esses pontos trazidos por Pereira são fundamentais, para que o fazer pedagógico e a formação docente possa se desenvolver de maneira mais satisfatória e, de forma a vencer a crise em que a docência se encontra. Marcelo (2009) colabora afirmando que até mesmo os conteúdos que os professores ensinam ajuda a formar a identidade docente.

Acredita-se que a formação do profissional de sucesso se deve, principalmente, a bases conceituais. Neste sentido a formação busca área de conhecimento, experiências e investigações, e o professor aprende a ser e desenvolver sua competência profissional.

Tardif (2002) *apud* Souza (2013) relata que

Todo trabalho humano, mesmo o mais simples e mais previsível, exige do trabalhador um saber e um saber fazer. Noutras palavras, não existe trabalho sem um trabalhador que saiba fazê-lo, ou seja, que saiba pensar, produzir e reproduzir as condições concretas de seu próprio trabalho. O trabalho – com toda práxis – exige, por conseguinte, um sujeito do trabalho, isto é, um ator que utiliza, mobiliza e produz os saberes de seu trabalho. Não poderia ser diferente com os professores, que realizam um trabalho que não é simples nem previsível, mas complexo e enormemente influenciado pelas próprias decisões e ações desses atores. (2013, p. 236, 237)

Percebe-se assim que o professor é um trabalhador que precisa estar sempre atualizado e apto para lidar com as imprevisões de sua profissão. O professor se depara com classes sociais diversificadas, e mesmo sabendo dessa diversidade ele deve estar capacitado a desenvolver seu trabalho em meio a muitas diferenças, orientando cidadãos capazes de conviver socialmente. Com todas essas cobranças em relação ao educador, ele deve ter competência para alcançar os resultados almejados.

Para mencionarmos o perfil dos egressos de geografia do campus Itapuranga, é importante analisar o Projeto Pedagógico do Curso de Geografia (PPC), um documento elaborado coletivamente pelos professores do campus que busca “incorporar os princípios de uma instituição pública e gratuita num diálogo produtivo e renovador dentro dos diversos segmentos da comunidade acadêmica”. Neste contexto o campus de Itapuranga busca formar profissionais em Geografia capacitados para atuarem nos diferentes níveis de ensino e na pesquisa, sintonizados com o seu tempo, atentos as necessidades da sociedade e preocupados em empreender uma ação crítica e criativa no mundo atual.

Mas porque é importante o uso desse documento para a discussão do assunto proposto? Porque é relevante? No PPC, encontramos os referenciais para que o licenciando se torne um profissional de qualidade e com competência para desenvolver o seu trabalho. Sendo assim, uma forma de orientação para a devida formação desse profissional.

O PPC (2015) elucida que “o Licenciado em Geografia é um profissional que atua na construção do entendimento do saber geográfico; buscando e produzindo meios de compreender e pensar o espaço geográfico em seus aspectos particulares e em sua totalidade”, um profissional que poderá atuar no Ensino Fundamental, Médio e Superior, para atender às necessidades dos sistemas educacionais.

O PPC enfatiza que o professor de Geografia

Deverá ter habilidades psicopedagógicas e didáticas indispensáveis ao exercício do magistério no ensino básico. Apresentar predisposição para as atividades acadêmicas, culturais e científicas, desejo de estar em processo de atualização permanente, facilidade para associar, abordar, dissertar e sintetizar, além de interesses pelos problemas ligados ao relacionamento da sociedade com a natureza. (2015, p. 25)

O PPC é importante para que se busque formar as competências necessárias aos egressos do curso em questão, o profissional docente em geografia precisa desenvolver as habilidades necessárias para realizar da melhor maneira o seu papel em sala de aula. Comungamos do entendimento do IFF (2012) ao compreender que o PPC expressa o sentido de continuar a gestão educacional e pedagógica em todos os níveis, é por meio do PPC que encontramos as políticas acadêmicas que são propostas.

As habilidades que se almeja formar nos licenciados em Geografia de acordo com o PPC são de:

- Explorar de maneira crítica, a espacialidade presente nas diversas manifestações e fenômenos presentes na sociedade;
- Organizar diferentes tipos de elementos conceituais e empíricos, voltados para a produção do conhecimento científico nos fenômenos e processos espaciais;
- Saber diferenciar escalas e abrangências temáticas das ocorrências e manifestação dos fatos, fenômenos e eventos geográficos;

- Elaborar com planejamento atividades de campo para investigações geográficas: Na realização de atividades complementares como o trabalho de campo acompanhado de relatórios, na execução de um trabalho monográfico resultante de pesquisa científica relacionada a questões locais/regionais
- Conhecer e aplicar técnicas laboratoriais com o intuito de desenvolver, produzir e aplicar do conhecimento geográfico;
- Entender e conhecer as particularidades dos ambientes escolares e seus aspectos político-pedagógicos, assim como propor e desenvolver propostas e projetos para desenvolvimento do ensino tanto fundamental, quanto médio;
- Saber trabalhar com profissionais das mais diversas áreas de maneira multidisciplinar e transdisciplinar. (2015, p. 25-26)

Assim de acordo com o PPC o Licenciado, em Geografia da Universidade estadual de Goiás, deve ter habilidade de se expressar com clareza, precisão e objetividade, assim como a capacidade de compreender e utilizar os conhecimentos adquiridos relacionando-os com outras áreas do conhecimento. Com as habilidades sendo desenvolvidas, o egresso do curso pode ser capaz de se posicionar mais facilmente de maneira crítica em relação ao que ocorre no meio em que vive. Desenvolvendo habilidades psicopedagógicas e didáticas que facilitarão sua atividade em relação ao magistério.

O PPC ainda dispõe sobre as competências que se almeja formar, as quais são referentes a compreensão das normas e uso da língua portuguesa. A compreensão de fenômenos sociais e naturais, seleção, organização, interpretação de dados e informações que subsidiam tomadas de decisões, e enfrentamento de situações-problema nas atividades de pesquisa e extensão, construção de argumentos e intervenção na realidade espacial geográfica.

O PPC destaca que o conhecimento geográfico é indispensável nas relações que ocorrem na natureza com o mundo globalizado, além de também o ser no processo de formação da cidadania integral, especialmente quando esse está inserido em uma região de localização de importantes cenários ambientais como é o caso da Estado de Goiás e o Cerrado.

Um fato marcante sobre esse profissional é que a maioria encontra dificuldade em lecionar determinados conteúdos, são apaixonados pela disciplina, mas tem empecilhos quanto aos instrumentos de trabalho que às vezes deixam a desejar. Assim, sabem que é necessário buscar formas alternativas para se trabalhar essa disciplina, utilizando o que rodeia o educando.

As Diretrizes curriculares nacionais e os projetos de formação de professores

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNS), correspondem a regulamentação dos cursos de licenciatura, no que tange ao perfil do profissional docente, regulamentação da carga horária e matriz curricular. Brasil (2001) *apud* Schneider (2007) explica que em lugar de conteúdos e disciplinas, as DCNs determinam competências e âmbitos de conhecimentos, os quais manifestam o que será considerado relevante na profissionalização dos educadores. Estes elementos, ao mesmo tempo em que demarcam pontos centrais da organização pedagógica e institucional, também objetivam a constituição de uma base comum para a formação dos professores brasileiros por meio da “revisão criativa dos modelos hoje em vigor”.

Sendo assim, as DCN’s orientam os profissionais docentes para o planejamento de seu fazer pedagógico, bem como regulamenta os elementos necessários para a profissionalização. No art. 1º da Resolução CNE/CP 1/2002 encontra-se determinado que

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena, constituem-se de um conjunto de princípios, fundamentos e procedimentos a serem observados na organização institucional e curricular de cada estabelecimento de ensino e aplicam-se a todas as etapas e modalidades da educação básica. (BRASIL, 2002, p. 1)

É possível observar que a promulgação das DCN’s visa melhorar a questão da formação de professores, mudando assim a didática utilizada, levando os profissionais a perceber que a criatividade pode ser uma aliada, para que os educandos possam se manter atentos e curiosos na busca pelo conhecimento.

Dourado, colabora afirmando que

De igual modo, as novas DCNs enfatizam a necessária organicidade no processo formativo e sua institucionalização ao entender que o projeto de formação deve ser elaborado e desenvolvido por meio da articulação entre a instituição de educação superior e o sistema de ensino e instituições de educação básica, envolvendo a consolidação de Fóruns Estaduais e Distrital Permanentes de Apoio à Formação Docente, em regime de cooperação e colaboração. (2015, p. 307)

De acordo com o que é exposto pelo autor acima, se observa a necessidade de que a formação docente ocorra e se desenvolva cada vez com mais qualidade, por isso se tem a preocupação com a formação continuada. Sendo que a formação inicial precisa ser complementada sempre, e assim o profissional docente precisa se manter atualizado quanto ao que acontece no mundo.

A formação de professores de geografia na UEG/Itapuranga

É importante que seja realizada uma discussão sobre a formação do profissional docente, no caso relacionado à ciência geográfica, a partir das diretrizes curriculares estabelecidas. Aqui serão analisados os impactos das DCNs (Diretrizes Curriculares Nacionais, instituídas em 2002) nessa formação, e sobre os elementos que contribuem para a construção do pensamento do professor sobre a Geografia escolar.

As diretrizes curriculares nacionais são normas estabelecidas para orientar o planejamento do ensino na educação básica. Dessa forma foram elaboradas de acordo com vários documentos, como a Constituição Federal de 1988 e a LDB.

Procuraremos discutir os impactos das DCN's no curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás/Campus Itapuranga, a partir de questionários aplicados aos egressos do município de Heitorai do ano de 2002 até o ano desta pesquisa. Este questionário tem por objetivo esclarecer sobre a formação dos egressos, buscando saber quais foram suas dificuldades, o que o curso proporcionou, e qual a mudança que tiveram em suas vidas com a realização do curso de licenciatura em Geografia.

Heitorai é um município pequeno próximo a Itapuranga-GO cujo a distância é de 27 km, possui como municípios vizinhos, Guaraíta, Itapuranga, Itaguaru e Itaberaí.

O povo heitoraiense tem uma ligação forte com Itapuranga, o comércio por exemplo onde muitos se deslocam para realizar compras diariamente e usar os serviços bancários. No entanto, a maior ligação com o município se dá por meio do acesso ao ensino superior, tendo em vista que Itapuranga é o local mais próximo no qual há instituições de ensino superior, destacando-se a ligação com a Universidade Estadual de Goiás, Campus de Itapuranga. A grande maioria dos profissionais da área de educação do município de Heitorai é graduada por este campus.

A Universidade Estadual de Goiás (UEG) foi criada pelo governo de Goiás em 1999, sendo *multicampi*, a partir da unificação de várias faculdades isoladas estaduais distribuídas pelo interior do Estado. Nasceu no contexto de significativas reformas para a educação superior e num processo de expansão das Instituições de Ensino Superior privado (IES). No ano de 2006, a UEG contava com 33.988 alunos matriculados, sendo que 51,93% estudavam em cursos de graduação gratuitos e 48,07% em cursos pagos (licenciatura plena parcelada, sequenciais e pós-graduação lato sensu). A Instituição, no período de 1999 a 2006, expandiu as matrículas para os cursos de graduação em 121,46%, e em 2006, contabilizou 42 unidades espalhadas em 39 municípios pelo interior do Estado, dados esses que evidenciam a dimensão e a relevância da UEG no cenário goiano. (Ferreira & Oliveira, 2008)

Venâncio (2017) cita que a missão da UEG continua sendo a mesma da época que foi criada, sendo esta produzir e sociabilizar o conhecimento científico e o saber, buscando desenvolver a cultura e a formação de profissionais capazes para exercer sua função.

O campus de Itapuranga foi criado em 1988, mas era conhecido como FECLITA, (Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Itapuranga). Oliveira explica que foi fruto da mobilização de diversos segmentos da sociedade, especialmente do conjunto de ações locais realizadas por professores e alunos do município. Teve o início de seu projeto no ano de 1985, quando o então governador de Goiás, Iris Rezende Machado, foi a Itapuranga para inaugurar o asfalto que liga o município à cidade de Itaberaí, na oportunidade os professores pediram para que fosse nomeado os que haviam sido aprovados no concurso de 1983, e assim o governador prometeu nomeá-los e criar uma universidade, o que ocorreu em 1988.

Em 1999 se tornou unidade universitária da Universidade Estadual de Goiás, hoje a UEG está presente em 42 municípios. Atualmente, esta unidade se tornou campus e oferece quatro cursos sendo eles: História, Geografia, Letras português / inglês e Ciências Biológicas, funcionando no período matutino e noturno.

Embora este Campus promova a oportunidade de uma formação superior para jovens de Itapuranga e de muitas outras cidades vizinhas, é necessário expor neste texto que sua criação ocorreu por meio de arranjos políticos, isto é, acordos realizados por causa de interesse de alguns.

O Campus citado possui problemas com sua infraestrutura, que em alguns pontos chega a ser precário, embora a ideia da criação desta universidade tenha sido boa, a verdade é que tem sido deixada de lado. Sendo abandonada por parte daqueles que deveriam prezar por um bom funcionamento, no entanto a falta de infraestrutura acaba por prejudicar o aprendizado dos alunos.

O Campus não conta com laboratórios bem equipados para a formação de seus alunos, no tocante ao curso de geografia era preciso um laboratório bem elaborado de geologia para que o conteúdo fosse melhor fixado pelos alunos.

Em 2013 professores e estudantes da UEG se deslocaram para Anápolis para protestar contra a falta de estrutura e pedir melhorias, algumas das reivindicações eram a falta de restaurante estudantil, casa estudantil, laboratórios quebrados, situação essa na qual o Campus de Itapuranga também se encontra. Destaca-se também que não são todos os ares condicionados que funcionam, assim como o campus necessita de um melhor auditório, enfim são vários pontos que precisam ser bem analisados e vistos pelas autoridades competentes.

A identidade docente na visão de egressos

Para refletirmos sobre a identidade docente e a percepção dos egressos a respeito de sua profissionalização, é importante trazermos aqui o perfil destes egressos. No sentido de identificar elementos que culminam com a desvalorização da profissão, a partir do questionário aplicado aos egressos foi possível traçar um perfil desses sujeitos.

Muitos egressos são provenientes de municípios vizinhos a Itapuranga, o que confere uma dificuldade com o deslocamento e a permanência na universidade, inclusive nos períodos de realização do estágio supervisionado obrigatório. Ainda há aqueles que simplesmente realizaram o curso para concorrerem a algum tipo de concurso público e que não se interessaram em exercer a profissão docente, encontra-se também aqueles que buscavam uma melhoria relacionado ao emprego, assim como também, em menor número, há aqueles que realmente realizaram o curso pensando em aderir à docência.

Por meio das respostas obtidas observa-se que para os egressos, os conteúdos estudados, a frequência as aulas, as leituras, os trabalhos de pesquisa, o convívio com os colegas, os estágios e os eventos realizados no curso serviram como degraus para que pudessem desenvolver as habilidades que possuem hoje. Ao falar nas habilidades pode-se inserir aqui o fato destes conseguirem se posicionar de forma mais crítica frente a acontecimentos, o que anterior à realização do curso não acontecia tão facilmente.

Para a elaboração desta pesquisa foi tido como base o período de 2002 a 2017, assim de maneira aleatório foi enviado e-mails com os questionários, assim como também foi entregue alguns em mãos, para que assim fosse possível recolher as informações que nos possibilitasse discorrer sobre o assunto proposto.

Uma das perguntas foi referente a atuação profissional atual, sobre a qual foi possível observar que a maioria dos entrevistados não estão exercendo a docência hoje, isto é, não tem se dedicado a desenvolver atividade ligada à sua formação. Muitos estão trabalhando de forma autônoma, ou com CLT.

Em relação a aspectos importantes para a formação docente, é visível nas respostas que os principais aspectos foram: as leituras realizadas durante o ano, atividades de campo, a convivência com os colegas, estágios, grupos de estudo, eventos e cursos extras, atividades de pesquisa. Sendo esses fatores fundamentais para que o graduando em educação tenha uma boa formação inicial, e assim desenvolva habilidades necessárias para a sua atuação.

Ainda sobre essa questão, é interessante expor que na visão do egresso G, as aulas durante o curso, os professores, estágios, grupos de estudo e atividades de pesquisa numa escala de importância para a formação estão ocupando o os últimos lugares, fator esse que nos leva a pensar que algo pode ter ocorrido durante a sua formação e pode o ter desanimado, uma vez que neste ponto ele não dá importância para aspectos que de uma forma quase que geral é vista como fundamentais para uma boa formação.

Os egressos também foram questionados sobre a contribuição do Estágio Curricular Supervisionado para a formação docente, sobre o qual informaram que as atividades desenvolvidas auxiliaram muito na compreensão acerca da teoria e prática, o que até então não era visto como algo importante para desenvolver a função de

educador dentro da sala de aula. A relação desenvolvida com a escola, o conteúdo trabalhado e a distribuição da carga horária, acabam orientando os acadêmicos se realmente é essa atividade que irão querer desenvolver após a conclusão do curso de graduação.

Ainda sobre o estágio supervisionado, o qual foi questionado e pedido para que fizesse um comentário sobre sua importância para a formação docente, obtivemos respostas como do egresso A que diz ser “Uma experiência que ficara marcada por toda a vida”, o egresso B diz, “o estágio foi de grande importância pois a teoria não nos permite tem uma ideia tão real quanto a prática”, corroborando o egresso C expõe que “O estágio em primeiro momento é difícil mas depois adquirir-se experiência e gosto pela profissão”. As respostas recolhidas nos levam a pensar sobre a formação docente na prática, sendo assim entendemos que o estágio é um importante processo que possibilita ao acadêmico viver a experiência na prática de sua formação, levando ele a desenvolver um verdadeiro amor pela profissão ou não.

Sobre o estágio, o egresso J diz que

o estágio curricular supervisionado da Universidade Estadual de Goiás, não apresenta de forma prática, uma disciplina produtiva, e principalmente a realidade de uma educação pública e a do que é uma vida docente, além de complicar a vida dos alunos que moram fora, que tem que fazer o deslocamento até Itapuranga-GO, com riscos, fazendo chuva ou sol.

O egresso acima traz uma crítica quanto a dificuldade enfrentada por alunos de outros municípios, que não importa as adversidades precisa cumprir com suas obrigações referentes ao deslocamento até Itapuranga para cumprir o estágio supervisionado.

Ao serem questionados sobre as dificuldades encontradas durante o curso, destacaram que as dificuldades são referentes ao deslocamento para aqueles que moravam em outros municípios, que às vezes mesmo sendo uma universidade pública não dispunham de recursos financeiros para uma simples apostila. Destaca-se também o fato de que trabalhar e estudar ao mesmo tempo, por vezes era um processo muito cansativo, ou seja dificuldades comuns a um grande número de estudantes nos dias hoje.

Sobre a questão citada acima o egresso G expõe que as dificuldades foram

A discrepância entre a teoria e a prática, na qual estudamos para ser professores, porém a ciência estudada e muito das vezes deixada de lado e substituída por teorias pedagógicas ultrapassadas, de são elaboradas em sua maioria em países desenvolvidos, e conseqüentemente, aplicadas no Brasil, não surgem efeitos por não condizerem com nossa realidade subdesenvolvida.

Observando o que foi dito em algumas ocasiões pelo egresso G, compreende-se que o mesmo tem uma visão por vezes contrária aos seus colegas egressos, acredita-se pela grande maioria que a teoria estudada contribui muito para o fazer pedagógico dos licenciados.

E por fim eles foram questionados sobre as principais contribuições que o curso proporcionou em sua vida pessoal e profissional, ao ponto que o egresso A respondeu

O curso de geografia foi muito importante em relação a muitos aspectos entre eles, conhecer novas pessoas, compartilhar ideias, adquirir conhecimentos assim sendo possível olhar o espaço a nossa volta com diferentes olhares mais atentos.

Corroborando, o egresso B expõe “Aumentou os meus horizontes na percepção das relações políticas, sociais e culturais no meio que nos cerca”, e o egresso C “Uma outra visão de mundo, com mais possibilidades”, e ainda o egresso G fala que foi uma

Contribuição essencial para uma nova visão de mundo, no qual a categoria geopolítica é de suma importância para tal, compreender um pouco mais acerca do funcionamento físico e social do nosso planeta também foi algo importante e fantástico por sinal.

Por meio do que é exposto pelos egressos, acredita-se que se tenha chegado ao objetivo proposto, o de formar cidadãos cada vez mais conscientes, e que saibam expor suas ideias e pensamentos sobre o mundo de forma crítica, assim como analisar os acontecimentos ao seu redor.

É comum que os egressos, ou até mesmo os que ainda estão realizando a graduação, tenham a visão de que a profissão de professor hoje é, por vezes, ruim, o que os leva a não demonstrar interesse pelo ofício. Essa visão pode ser fruto do pensamento que qualquer um pode ser professor, o que não é bem assim, Vesentini (2015) discute sobre o exercício da profissão docente, o autor cita que ninguém pode se improvisar professor, isso acontece pois pessoas formadas em diversas áreas se encontram lecionando em salas de aulas, mas o profissional docente de formação específica, para que possa passar os conteúdos em aula.

Cada disciplina necessita de uma gama de conhecimentos específicos que organiza e regulamenta seu exercício, que lhe confere particularidade. É necessário frisar que, além dos conhecimentos específicos, o professor de geografia precisa se munir de outros conhecimentos que qualificam sua prática docente, como os saberes pedagógicos e os saberes experienciais. Tardif expõe que

Se admitirmos que os saberes dos professores não provêm de uma fonte única, mas de várias fontes e de diferentes momentos da história de vida e da carreira profissional, essa própria diversidade levanta o problema da unificação e da recomposição dos saberes no e pelo trabalho. [...] A experiência de trabalho, portanto, é um espaço onde o professor aplica saberes, sendo ela mesmo saber do trabalho sobre saberes, em suma: reflexividade, retomada, reprodução, reiteração daquilo que se sabe naquilo que se sabe fazer, a fim de produzir sua própria prática profissional. (2010, p. 21)

A partir deste trabalho e das conexões estabelecidas entre as percepções dos egressos e o projeto de formação de professores do curso de geografia em questão, percebemos que se faz necessário uma melhor compreensão da profissionalização docente, como um elemento que possibilita uma maior valorização e reconhecimento na formação e no processo de ensino e aprendizagem dos/as alunos/as na escola.

Considerações finais

Durante a elaboração dessa pesquisa foi possível observar que grande parte dos egressos não atuam na docência. Portanto, é perceptível uma lacuna encontrada nos cursos de licenciatura com relação ao perfil do egresso que se forma. A formação do professor não é somente a realização do curso de licenciatura, envolve muitos outros elementos além da formação inicial, pois representam a relação e pouco diálogo entre teoria e prática.

Por vezes a atividade docente não é valorizada, no entanto, ao apresentar elementos que a compreenda como uma profissão alicerçada nos saberes experienciais, disciplinares e pedagógicos, é possível apresentar uma visão mais concreta e responsável sobre a formação de professores.

REFERÊNCIAS

REVISTA PRODUÇÃO ACADÊMICA -NÚCLEO DE ESTUDOS URBANOS REGIONAIS E AGRÁRIOS/ NURBA –vol. 4, n.2, 2018

BERNARDI, Lucí T Marchiori dos Santos; GRANDO, Cláudia Maria; TAGLIEBER, José Erno. **A relação teoria e prática na formação do educador.** Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/268401365_A_RELACAO_TEORIA_E_PRATICA_NA_FORMACAO_NA_FORMACAO_DO_EDUCADOR> Acesso em: 10 out. 2018.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação.** 33ª ed. São Paulo: Brasiliense. 1995.

Brasil. Conselho Nacional de Educação. **RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 1, de 18 de Fevereiro de 2002.** Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Diário Oficial da União, Brasília, 09 abr. 2002a. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/res1_2.pdf> Acesso em: 25 out. 2018.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica/ Ministério da Educação.** Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. – Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>> Acesso em: 20 out. 2018

CASTELLAR, Sônia Maria Vanzella. **Educação Geográfica: Formação e didática.** In: MORAIS, Eliana Marta Barbosa de & MORAES, Loçandra Borges de. Formação de professores: conteúdo e metodologias no ensino de geografia. Goiânia: NEPEG, 2010. P. 39-57.

CAVALCANTI, L. de S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos.** Campina, São Paulo: Papirus. 1998.

_____. **O ensino de geografia na escola.** Campinas, São Paulo: papiros, 2012.

DOURADO, Luiz Fernandes. **Diretrizes curriculares nacionais para a formação inicial e continuada dos profissionais do magistério da educação básica: concepções e desafios.** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302015000200299&lng=en&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em: 10 jun. 2018

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa.** São Paulo: Paz e terra. 1996 (coleção leitura).

IZA, Dijnane Fernanda Vedovatto et al. **Identidade docente: As várias faces da constituição do ser professor.** Revista Eletrônica de Educação, v. 8, n. 2, p. 273-292, 2014. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/viewFile/978/339>> Acesso em: 10 ago. 2018.

KAERCHER, Nestor André. Geografizando o jornal e outros cotidianos: práticas em geografia par além do livro didático. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. **Ensino de Geografia – práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: mediação, 200. P. 135-169.

LIBÂNEO, J. C. **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente**. 6º ed. São Paulo. Cortez, 2002.

MARCELO, Carlos. **A identidade docente: constantes e desafios**. Disponível em: <<http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br/artigo/exibir/1/3/1>> Acesso em: 18 mai. 2018.

MENEZES, Priscylla Karoline. **Formação de professores de geografia e as diretrizes curriculares nacionais: pensando o professor no contexto da geografia escolar**. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/participacao/article/view/15294>> Acesso em: 10 jun. 2018.

OLIVEIRA, João Ferrera de; FERRERIA, Suely. **Concepção e funções sociais da universidade: o caso da Universidade Estadual De Goiás (UEG)**. Disponível em: <<http://www.gpec.ucdb.br/serie-estudos/index.php/serie-estudos/article/viewFile/242/286>> Acesso em: 20 mai.2018

PEREIRA, Júlio Emílio Diniz. **O ovo ou a galinha: a crise da profissão docente e a aparente falta de perspectiva para a educação brasileira**. Disponível em: <<http://rbep.inep.gov.br/index.php/rbep/article/view/541/524>> Acesso em: 05 jun. 2018

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GEOGRAFIA. Itapuranga – GO. 2015. Disponível em: <http://www.cdn.ueg.br/source/itapuranga/noticias/24152/PPC_geografia_itapuranga_2015.pdf> Acesso em: 02 mar. 2018.

SOUZA, Elaine Braz Cândido de. **O trabalho do coordenador pedagógico e os princípios da gestão democrática na escola pública**. Disponível em <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/7991/1/2014_ElaineBrazCandidoDeSouza.pdf> Acesso em: 25 mai. 2018

TARDIF, M. **Os professores enquanto sujeitos do conhecimento: subjetividade, prática, e saberes no magistério**. In CANDAU, V.M. Rio de Janeiro. DP&A, 2001.

TARDIF, Maurice. **Saberes e formação profissional**. 11.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

TONIAZZO Neoremi de Andrade. **Didática: a teoria e a prática na educação**. Disponível em: < http://www.famper.com.br/download/pdf/neoremi_06.pdf> Acesso em: 25 de set. 2018.

VESENTINI, J. W. **Geocrítica – Geopolítica: o ensino de Geografia**. MONBEIG, P. O papel e o valor do ensino da geografia. Disponível em: <

<http://projetoBuritiGeografia.blogspot.com/2015/04/geocritica-geopolitica-ensino-da.html>> Acesso em 02 dez. 2018.